



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/05/2021 a 03/06/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
28/05/2021	15,30	395,50	65,79	6,63	6,56
31/05/2021	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
01/06/2021	15,48	398,70	67,39	6,93	6,88
02/06/2021	15,62	394,00	70,38	6,87	6,75
03/06/2021	15,49	391,60	68,85	6,76	6,62
Média	15,47	394,95	68,10	6,80	6,70

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	159,00	
RS – Não Me Toque	159,00	
RS – Londrina	153,00	
PR – Cascavel	155,00	
MT – C.N.Parecis	159,00	
MS – Maracaju	157,00	
GO - Rio Verde	164,00	
BA – L.E.Magalhães	157,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	84,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	86,00	
SC – Rio do Sul	90,00	
PR – Cascavel	84,00	
PR – Londrina	84,00	
MT – C.N.Parecis	79,00	
MS – Maracaju	88,00	
SP – Itapetininga	99,00	
SP – Campinas	102,00	CIF
GO – Rio Verde	80,00	
GO – Jataí	80,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	84,00	
RS – Não Me Toque	84,00	
PR – Londrina	82,00	
PR – Cascavel	82,00	

Período: 02/06/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 03/06/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	85,89	161,51	83,71

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
03/06/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	81,50
Feijão (saco 60 Kg)	270,94
Sorgo (saco 60 Kg)	64,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,03
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,94**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,47

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Maio/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Em uma semana com dois feriados (dia 31/05 nos EUA e dia 03/06 no Brasil), o mercado da soja assistiu a uma recuperação das cotações em Chicago, porém, também viu um recuo nos preços brasileiros.

Em Chicago, o bushel da oleaginosa fechou a quinta-feira (03) em US\$ 15,49, contra US\$ 15,37 uma semana antes. A média de maio ficou em US\$ 15,73, com 7,4% de aumento em relação a média de abril. A título de comparação, a média de maio de 2020 havia sido de US\$ 8,42/bushel. Ou seja, Chicago hoje opera com cotações médias, para o primeiro mês cotado, superiores em 86,8% às de um ano atrás. Algo que está longe de ser normal, indicando, mais dia menos dia, para um ajuste importante. Vale destacar que, enquanto o farelo de soja se manteve abaixo dos US\$ 400,00/tonelada curta naquela Bolsa, o óleo de soja, no dia 02/06, atingiu a cotação histórica de 70,38 centavos de dólar por libra-peso, algo somente visto, para o primeiro mês cotado, em 03 de março de 2008, quando a libra-peso bateu em 70,40 centavos. Esta elevação do óleo está ajudando a sustentar as cotações do grão, além da especulação sobre o clima nos EUA e também os baixos estoques neste país.

E tudo isso ocorre com o plantio da nova safra transcorrendo muito bem, tendo chegado a 84% da área esperada em 30/05, contra 67% na média histórica para esta época. Deste total semeado, 62% já havia germinado, contra 42% na média histórica.

Por outro lado, os embarques de soja estadunidense, na semana encerrada em 20/05, atingiram a 192.221 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial 2020/21 os embarques somam 56,4 milhões de toneladas, ou seja, 91% acima do registrado no ano anterior nesta época.

Por sua vez, na Argentina, a Bolsa de Cereais de Buenos Aires reviu para cima a última colheita de soja naquele país, elevando a mesma para 43,5 milhões de toneladas. Lembrando que em 2019/20 o volume colhido foi de 49 milhões. Até o dia 26/05 a colheita desta safra de soja chegava a 91,4% da área total, com produtividade média de 2.720 quilos/hectare, ou seja, 45,3 sacos/ha. Lembrando que a Argentina sofreu severas perdas regionais em função do clima.

De forma geral, no mercado externo o clima nos EUA continua sendo o elemento central das oscilações em Chicago, a partir da constatação de estoques historicamente baixos no momento. Com isso, o mercado espera com atenção o novo relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 10/06.

É preciso também considerar que o Brasil ainda possui cerca de 40 milhões de toneladas disponíveis da recente safra 2020/21, produto que poderá ser escoado no segundo semestre diante da boa competitividade da soja brasileira perante a dos EUA. A maior e mais longa participação brasileira no mercado da soja, neste ano, já se reflete nos negócios dos EUA. Fazem cinco semanas que praticamente a China não surge no mercado estadunidense para comprar soja da nova safra, que está sendo semeada no momento.

Enquanto isso, o Brasil atingia a marca de 16,4 milhões de toneladas em maio, contra pouco mais de 14 milhões em maio do ano passado. Portanto, são 16,3% acima do

exportado no mesmo mês de 2020, segundo a Secex. No acumulado do ano, até a terceira semana de maio, o país havia exportado 46,5 milhões de toneladas de soja, contra 41,5 milhões no mesmo período do ano passado, atingindo um recorde exportado. Somando todo o complexo soja (grão, farelo e óleo) o Brasil já exportou 53,2 milhões de toneladas, contra 48,5 milhões no mesmo período do ano anterior.

Dito isso, o mercado internacional segue com atenção o comportamento da China no lado comprador de soja. Após adquirir muito produto, ajudando a puxar as cotações em Chicago para cima, o ritmo das compras chinesas diminuiu a partir do ressurgimento da peste suína africana. Além disso, como já comentado aqui em diversas oportunidades, diante dos altos preços mundiais da oleaginosa, os chineses realizam um consistente movimento de substituir a oleaginosa nas suas rações animais. Neste contexto, as vendas locais de farelo de soja são baixas, mantendo estoques de soja interessantes, além de reduzir o esmagamento do grão. Isso significa que a China pode buscar o que ainda precisa, em soja, no Brasil, deixando de lado o produto dos EUA. Esta realidade poderá causar uma reversão importante nas cotações em Chicago a partir da colheita estadunidense, em setembro/outubro, caso a nova safra venha normal.

Neste contexto, e diante de um câmbio que voltou a assistir uma forte valorização do Real, com a moeda brasileira batendo em R\$ 5,08 por dólar durante a semana, os preços da oleaginosa no país voltaram a recuar. A média gaúcha ainda se manteve próxima da registrada na semana anterior, com R\$ 161,51/saco, porém, o patamar de preços nas demais praças nacionais oscilou para baixo, ficando entre R\$ 153,00 e R\$ 164,00/saco, sendo que foram raras as praças com preços médios acima de R\$ 160,00/saco. Por enquanto, os preços nacionais da soja estão sustentados apenas por Chicago, que ainda se mantém muito elevado, já que o câmbio recuou e os prêmios em nossos portos continuam negativos ou em torno de zero na maioria dos locais. Paranaguá, por exemplo, trabalhava, neste início de junho, com menos US\$ 0,25/bushel. Nestas condições, caso Chicago recue para US\$ 12,00/bushel em novembro, sob pressão da colheita nos EUA, e o câmbio e o prêmio permanecendo nos atuais níveis no Brasil, o preço da soja no balcão gaúcho pode recuar para algo entre R\$ 110,00 e R\$ 115,00/saco. Ou seja, um recuo de quase 32% sobre a média praticada no Estado nesta semana.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago acabaram estáveis nesta semana, com o bushel fechando a quinta-feira (03) em US\$ 6,62, contra US\$ 6,64 uma semana antes, após ensaiar uma alta nos dias anteriores. A média de maio ficou em US\$ 6,97/bushel, com aumento de 13,1% sobre a de abril. Para comparação, em maio de 2020 a média havia sido de US\$ 3,18/bushel. Ou seja, o milho em Chicago, em termos médios, assistiu a um aumento de 119,2% nos últimos 12 meses.

E também aqui, embora a especulação climática seja um elemento presente em relação a nova safra dos EUA, o plantio da mesma está normal e muito avançado. Em 30/05 ele havia alcançado 95% da área esperada, contra 87% na média histórica. Do total semeado, 81% já havia germinado naquela data e as condições das lavouras assim se apresentavam: 76% entre boas a excelentes, 20% regulares e 4% entre ruins a muito ruins.

Enquanto isso, os embarques de milho por parte dos EUA somavam 2,05 milhões de toneladas na semana encerrada em 20/05, superando as expectativas do mercado. No acumulado do ano, os EUA já exportaram 50,9 milhões de toneladas, ou seja, 96% acima do realizado um ano antes.

Por sua vez, na Argentina a colheita da atual safra de milho chegou a 31% da área na entrada de junho, com uma produtividade média de 8.500 quilos/hectare, ou seja, 141,7 sacos/ha. A Argentina espera colher 46 milhões de toneladas do cereal, contra 51,5 milhões colhidas no ano anterior.

E aqui no Brasil os preços do milho acabaram recuando em algumas praças e subindo em outras nesta semana, enquanto se confirma forte quebra na safrinha. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 85,89/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços do cereal oscilaram entre R\$ 79,00 e R\$ 99,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) voltou para o patamar de R\$ 102,00/saco.

Já na B3, o fechamento da quarta-feira (02), antes do feriado de Corpus Christi no Brasil, ficou em R\$ 95,70/saco para o contrato julho; R\$ 97,60 para setembro; R\$ 98,48 para novembro; e R\$ 100,00/saco para janeiro/22.

O recuo nos preços do milho em algumas praças veio do maior interesse de venda por parte de quem possui o cereal estocado, ainda da safra de verão. Além disso, a revalorização do Real freia as exportações, direcionando mais milho para o mercado interno. Dito isso, a grande preocupação continua sendo a performance final da safrinha.

Neste sentido, enquanto o Rio Grande do Sul se aproxima do encerramento de sua colheita de milho de verão, as diferentes consultorias privadas e mesmo os órgãos públicos, como a Conab, continuam revendo para baixo a safrinha. Com isso, a safra total de milho no Brasil, neste ano, deverá ficar em 95,2 milhões de toneladas, contra 104,1 milhões na projeção feita em abril. A safrinha deverá ficar em 61,6 milhões de toneladas, contra 70,8 milhões indicadas em abril e 73,5 milhões colhidas no ano passado (cf. Safras & Mercado). Outra consultoria (cf. AgRural) aponta que a safrinha ficará em 60 milhões de toneladas, com uma redução de 17 milhões de toneladas em relação ao esperado no início do plantio no Centro-Sul brasileiro. Nesta caso, espera-se uma produtividade média na região de apenas 77,5 sacos/hectare, sendo a mais baixa desde 2016. Em somando a produção esperada no Norte e Nordeste, estima-se que a safrinha alcance 64,6 milhões de toneladas neste ano, contra 75,1 milhões no ano passado. Para esta consultoria, a produção final total de milho no Brasil neste ano ficará em 90,9 milhões de toneladas, contra 102,6 milhões no ano anterior.

Quanto as exportações de milho, a Secex informou que nos primeiros 21 dias de maio o país embarcou para o exterior 13.920 toneladas do cereal. A média de embarque, nos primeiros cinco meses do ano, está em 662.900 toneladas, ficando 46,8% abaixo da média do mesmo período do ano passado. O preço da tonelada exportada aumentou 18,06% em relação ao ano anterior, ficando na média de US\$ 317,60 neste mês de maio. Diante deste comportamento, as exportações totais de milho neste ano podem recuar para algo entre 21 milhões de toneladas (cf. StoneX) e 24 milhões de toneladas (cf. Safras & Mercado), sendo que os mais otimistas ainda acreditam na

possibilidade de o país repetir o volume do ano passado, podendo chegar a um volume exportado entre 30 e 35 milhões de toneladas (cf. Brandalizze Consulting).

O fato é que será difícil repetir os volumes exportados do ano passado diante da forte quebra da safrinha. Entre as projeções mais otimistas de produção, no início do plantio, e as calculadas neste início de junho, a quebra gira ao redor de 22 milhões de toneladas para todo o Centro-Sul brasileiro. Assim, a produção total de milho no país está hoje estimada entre 90 e 95 milhões de toneladas, contra 112 milhões que se chegou a projetar no início do atual ano comercial.

Nestas condições, dificilmente os preços do milho irão baixar muito, salvo no momento da entrada desta safrinha. Mas se a demanda interna continuar intensa, mesmo com menor exportação, os preços do cereal devem continuar bastante sustentados até a entrada da nova safra de verão, no início de 2022. Soma-se a isso, o fato de que 60% da atual safrinha já foi comercializado, ficando pouco milho para ser negociado a partir da colheita, fato que tende a pressionar ainda mais os preços.

Enfim, para completar o quadro, Goiás projeta uma quebra de 38% em sua safrinha de milho, enquanto o Mato Grosso do Sul calcula perdas que podem ser importantes, pois apenas 6% das lavouras, neste início de junho, estariam em boas condições, contra 71% regulares e 23% ruins (cf. Ifag e Famasul).

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago, após se aproximarem novamente dos US\$ 7,00/bushel durante a semana, recuaram e fecharam a quinta-feira (03), para o primeiro mês cotado, em US\$ 6,76, ficando no mesmo valor de uma semana antes. A média de maio fechou em US\$ 7,10/bushel, com aumento de 6,4% sobre abril. Lembrando que um ano antes, a média de maio 2020 havia sido de US\$ 5,15/bushel. Ou seja, em 12 meses o bushel do trigo se valorizou em 37,9% em Chicago.

Dito isso, as condições do trigo de inverno nos EUA, no dia 30/05, estavam em 48% entre boas a excelentes, 33% regulares e 19% entre ruins a muito ruins. Já o trigo de primavera estava semeado em 97% da área esperada, contra a média histórica, para esta data, de 93%. Do total semeado, 80% estava germinado, contra a média histórica de 73%, enquanto as condições das lavouras semeadas apresentavam 43% entre boas a excelentes, 37% regulares e 20% entre ruins a muito ruins.

Quanto às exportações, os EUA atingiram a 373.800 toneladas na semana encerrada em 20/05, ficando dentro do esperado pelo mercado. Já as exportações para o ano comercial 2020/21 ficaram em 29.500 toneladas, representando um recuo de 58% em relação a média das quatro semanas anteriores. Somando as duas safras o volume chegou a 403.300 toneladas na semana, ficando acima do esperado pelo mercado.

No Brasil, os preços do trigo se estabilizaram, com viés de baixa. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 83,71/saco, enquanto no Paraná o produto girou ao redor de R\$ 82,00/saco.

O ritmo dos negócios neste mercado continua lento no país e o viés de baixa se acentua neste momento, na medida em que o plantio avança no sul, com claro aumento de área. Além disso, os moinhos estão abastecidos e a demanda por farinhas está fraca. Apenas o farelo de trigo para ração se mostra melhor, diante dos altos preços do milho. Mesmo assim, o trigo disponível hoje no país não seria suficiente até o início da nova colheita do cereal, em setembro no Paraná. Todavia, a revalorização importante do Real nestas últimas duas semanas torna mais barata a importação de trigo, especialmente da Argentina e Paraguai. Esta realidade cambial igualmente pressiona para baixo os preços do trigo nacional.

Quanto ao plantio, enquanto o Rio Grande do Sul chega ao redor de 10% da área esperada, o Paraná já atinge 71% da área projetada, sendo que as lavouras locais estão boas em sua maioria. O Paraná espera colher 3,8 milhões de toneladas de trigo, com alta de 22% sobre o ano anterior.

Outro produto de inverno que vem apresentando boas condições de mercado neste ano é a cevada. Espera-se uma área total semeada, na Região Sul do país, em torno de 118.000 hectares e uma produção entre 400 e 500.000 toneladas. Segundo a Embrapa Trigo, o Rio Grande do Sul deve aumentar em 36% a área de cevada cervejeira neste ano, com o preço do produto variando entre 120% a 135% do preço do trigo pão (PH 78). O preço será ainda 1% superior para cada ponto percentual acima de 85% de grãos da classe 1, podendo chegar a 150% do preço do trigo.

No Brasil, um dos maiores mercados mundiais de cerveja, o cultivo da cevada sempre esteve voltado à produção da variedade cervejeira, cuja produção atende apenas 30% da demanda da indústria instalada no país. Quando o produto não atinge o padrão de qualidade exigido para a malteação, acaba sendo destinado à indústria de ração animal que, historicamente, absorve cerca de 30% da cevada brasileira. Neste sentido, segundo a Embrapa Suínos e Aves, os níveis ótimos para inclusão da cevada na ração de suínos ficam entre 20% e 25% a partir da fase de crescimento. No caso dos frangos de corte e poedeiras recomenda-se níveis de até 20% de cevada na ração a partir da fase inicial. Outro cenário que começou a ser configurado pela pesquisa é o uso de cevada forrageira, direcionada à alimentação de ruminantes. Para atender a indústria cervejeira, os grãos de cevada precisam de teor de proteína entre 9 e 12%, ao passo que para a alimentação animal quanto maior o teor de proteína melhor. As diferenças também estão relacionadas ao volume de massa verde e à uniformidade das espigas, que variam conforme o mercado a ser atingido. Com elevado valor nutritivo, a silagem de cevada permite uma boa conversão alimentar. Em vacas leiteiras, a Embrapa Trigo constatou que com um quilo de matéria seca de silagem de cevada, é possível produzir 1,2 quilo de leite. (cf. Embrapa Trigo e Embrapa Suínos e Aves)

Enfim, voltando ao trigo, os preços do cereal teriam subido três vezes mais do que os das farinhas nos últimos 12 meses. Com isso, o trigo doméstico subiu em média 33,8% nos últimos 12 meses, contra 11,6% para a farinha comum, 12% para a farinha inteira e 10,7% para a farinha especial. Já o trigo pão subiu 24,8% enquanto as farinhas de panificação subiram 10,9%. Isso significa dizer que o reajuste das farinhas estaria cerca de 20 pontos percentuais defasado em relação à matéria-prima. Assim, provavelmente logo mais os consumidores finais brasileiros terão aumentos nas farinhas e outros derivados de trigo. (cf. TF Agroeconômica)